



INTERCULTURALIDADE NA ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE: o lúdico como estratégia de inclusão linguística de migrantes

*Lia Gomes de Carvalho Oliveira*¹

*Yasmin Postiga da Fonseca*²

Eixo temático: Alfabetização, diversidades e inclusão.

Resumo: Este artigo visa a incentivar o uso da ludicidade na inclusão linguística de crianças migrantes, fazendo considerações acerca do português enquanto língua de acolhimento e da discursividade como catalisadora no processo de alfabetização bilíngue. Nesse sentido, fez-se um levantamento teórico acerca dos temas correlatos para a proposição de intervenções possíveis.

Palavras-chaves: Migrantes. Interculturalidade. Alfabetização bilíngue. Refúgio. Lúdico.

Introdução

Abdelmalek Sayad (1933-1998), define a imigração como fato social total, conceito que abarca fatores sociais, culturais e econômicos. A discriminação, enquanto um desses aspectos, é frequente na recepção do migrante, e espera-se sua volta para o local de origem. Level, Silva e Magalhães (2020) destacam a forma como, para Sayad, “o migrante é visto como parte provisória na cidade e, por isso, não se deve despender tempo em criar condições para sua permanência – tampouco desenvolver políticas públicas” (2020, p.120).

Ao fim de 2020, o Brasil somava 57 mil refugiados, sendo a maioria venezuelanos (ACNUR, 2021). Segundo dados divulgados pelo Subcomitê Federal Para Recepção, Identificação e Triagem dos Imigrantes (2022), de janeiro de 2017 a fevereiro de 2022,

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PRODOCÊNCIA do projeto “Estudos sobre o cenário da alfabetização de crianças imigrantes nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro: um programa de formação na Licenciatura em Pedagogia,” coordenado pela professora Janaína Moreira, na Faculdade de Educação, UERJ/Maracanã. Contato: lia.gomescarvalho@gmail.com.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PRODOCÊNCIA do projeto “A formação de leitores e escritores: modos individuais de representação da docência e dos processos de aprendizagem na área de Linguagem”, coordenado pela professora Paula Cid, na Faculdade de Educação, UERJ/Maracanã. Contato: ypfonsecarj@gmail.com

somaram-se 702.222 entradas de venezuelanos no Brasil, sendo que 45% permaneceram no país e 16% não haviam completado 18 anos.

Em 2020, foi aprovada a Resolução nº 1 de 13 de novembro (BRASIL, 2020), primeiro documento federal que dispõe acerca do direito de matrícula de crianças e adolescentes imigrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino. Cabe, portanto, o questionamento: como se dão as abordagens educacionais num contexto tão específico?

Partindo dos dados apresentados e do princípio 7º da Declaração Universal dos Direitos da Criança (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959), que versa sobre o direito a receber educação, “gratuita e compulsória pelo menos no grau primário”, de forma a promover a cultura e capacitar a criança para desenvolver suas aptidões, além da ampla oportunidade para brincar e divertir-se, busca-se, com este artigo, refletir sobre a relevância de abordagens lúdicas adaptadas ao contexto brasileiro de acolhida de imigrantes que visem à inclusão de crianças como “atores sociais que atuam sobre o mundo” (PARAGUASSU, 2022, p.21) no processo de alfabetização. Propõe-se partir da interculturalidade como instrumento de troca para fomentar a reflexão acerca dessas abordagens, sendo o bilinguismo o aspecto primeiro de observação.

Os processos de letramento e a alfabetização bilíngue na multiculturalidade

Este estudo se ancora em perspectivas de alfabetização e letramento enquanto processos discursivos, que se dão a partir de interações, reconhecendo o papel essencial da oralidade nesse aprendizado. Machado e Lopes (2021) fazem referência à interação entre os sistemas gramaticais que compõem a escrita e a fala como bilinguismo, abordagem que visa garantir “a interação entre a cultura escrita e a língua materna, sendo esta permeada por toda uma lógica intuitiva e espontânea da vida, do mundo e de suas inter-relações” (2021, p.8). Segundo as autoras, no processo de alfabetização, a língua escrita não se resume a uma transcodificação gradual da fala.

Assim, reconhece-se: primeiro, a natureza eminentemente cultural da escrita; segundo, que os sujeitos escolares trazem de suas culturas experiências de mundo as mais diversas, as quais podem tornar a língua escrita um conceito ora mais ora menos assimilável, contradizendo a concepção positivista naturalista que todos os sujeitos apresentam um padrão estável e universal de desenvolvimento da escrita. (MACHADO; LOPES, 2021, p.8)

Nesse sentido, uma alfabetização que valorize a diversidade linguística deve legitimar toda manifestação de linguagem, considerando a cultura aspecto de influência

fundamental. No que tange às crianças imigrantes, sugere-se partir do conceito de bilinguismo, sem desconsiderar os estrangeirismos³ linguísticos inerentes a essa aprendizagem.

Depois de deixarem suas pátrias, os imigrantes chegam a um novo país para reconstruir suas vidas. Naturalmente, há um choque cultural inicial, uma vez que o que nos aproxima é nos reconhecermos parte de um grupo, identificando semelhanças na forma de estabelecer relações entre nós mesmos e com o mundo. Ou seja, compartilhar da mesma cultura. Para o imigrante, o primeiro obstáculo à sua adaptação é a língua.

A prática do respeito à diversidade cultural traz o olhar para o protagonismo da língua nessa interação. Para Bakhtin, citado por Cortez e Black (2022), passamos a existir a partir da linguagem que tudo significa.

Ensinar uma língua trata-se de compreender o lugar de enunciação e colocar-se na posição do outro; oferecer artefatos para que o sujeito possa se postar no lugar da língua que aprende e vice-versa. (CORTEZ; BLACK, 2022, p.223).

Ensinar uma língua é, portanto, acolher. Tratando-se de imigrantes, esse acolhimento não é apenas necessário, mas vital para que o sujeito se reconheça novamente pessoa de dignidade. Alinhado ao conceito de educação como prática da liberdade resgatado por hooks, citada por Cortez e Black (2022), o processo de ensino-aprendizagem do Português como Língua de Acolhimento (PLAc) permitiria a capacidade de interagir de forma crítica e autônoma com o local para o qual a pessoa migra por meio da língua, que é porta de entrada para uma vida cidadã. A língua de acolhimento se contrapõe em essência ao conceito definido por hooks, outra vez citada por Cortez e Black (2022), como língua do opressor, utilizada para invisibilizar e enfraquecer a pessoa escravizada, proibindo suas manifestações linguísticas.

As narrativas das crianças imigrantes

Neste estudo, pretende-se abandonar quaisquer perspectivas adultocêntricas que venham a clamar o protagonismo na contação de vivências infantis. Entendemos que a criança é dotada de plenas capacidades para significar suas experiências e transmiti-las segundo seus modos de expressão. Poderíamos fazer referência a diversos estudiosos, a fim de cancelar a referida premissa. Optamos, no entanto, por embasar a análise nos estudos conduzidos pela jornalista Paraguassu (2022), que entrevistou crianças refugiadas

³ Fenômeno linguístico caracterizado pela apropriação de uma palavra ou expressão em decorrência da influência de uma língua sobre a outra (SOUZA).

residentes no Brasil, valendo-se de conversas vinculativas sustentadas por ferramentas lúdicas para a construção da narrativa da criança.

O mundo infantil tem uma série de significados sociais que não são, necessariamente, uma maneira pré-racional ou pré-adulta de enxergar o mundo. É apenas diferente. E esse mundo que se descortina para a criança refugiada é cheio de desafios ainda mais complicados, que podem deixar marcas estruturais e abalar potencialidades. (PARAGUASSU, 2022, p. 21)

Paraguassu (2022), a partir de uma escuta afetuosa, valeu-se de um processo qualitativo baseado na interculturalidade; ouviu histórias de suas partidas, jornadas, famílias e novas relações, questionando se elas, como os adultos, também estariam condenadas à errância, ao desenraizamento, ou se teriam a capacidade de incorporar-se ao novo contexto. Para tanto, cita Moscoso (2013), que afirma que "deixar as crianças falarem desde seu próprio lugar representa reafirmar sua subjetividade e seu modo de viver o presente" (p.33), e Guattari (1992), segundo quem "no caso da narrativa da criança migrante, quando se considera que os territórios são existenciais e subjetivos, antes de serem materiais, é possível considerar o território social como um fenômeno imaginário, imaterial e simbólico" (PARAGUASSU, 2022, p.87).

A memória discursiva da criança pode ser entendida como uma construção que reúne aspectos da realidade e de fantasia. Para fins deste estudo, é fundamental, portanto, conceber o uso de abordagens lúdicas para construir um ambiente no qual a criança imigrante possa elaborar um gosto de pertencimento que a motive a dar seus primeiros passos na troca intercultural, ainda que sem o domínio do português.

A brincadeira como criação e manifestação de cultura

Winnicott define brincar como um fenômeno transicional, isto é, uma camada de realidade subjetiva compartilhada. Para o autor, o fenômeno assume valor terapêutico, e aquele que não brinca está comprometendo sua saúde mental, isso porque é por meio do brincar que o processo criativo se manifesta na capacidade de dobrar a realidade, que dá ao ser humano uma razão para existir, para viver.

Em outros termos, é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (WINNICOTT, 1975, p.70)

A brincadeira tem um lugar e um tempo: o espaço potencial, que se encontra entre a subjetividade e a objetividade, e seu uso é definido pelas experiências culturais adquiridas.

O inverso também acontece, já que é brincando que a criança se insere socialmente no mundo. “Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais” (WINNICOTT, 1975, p. 86).

Sendo a brincadeira influenciada por vivências, as mais diversas manifestações culturais se expressam no brincar. A cultura enquanto processo constitutivo permite que contribuições advindas de trocas sociais encontrem um entremeio, no qual as semelhanças superem o idioma. É isso que chamamos de interculturalidade: a interação entre diferentes culturas e grupos étnicos, promovendo o enriquecimento mútuo.

Uma “conversa vinculativa” com os pequenos imigrantes não deve impor uma língua para estabelecer o diálogo e, compreendendo que a comunicação pode se dar de outras formas, deve-se atentar inicialmente às suas manifestações enquanto brinca. “No mundo de faz de conta daquelas crianças, cicatrizes transformam-se em brincadeira, enquanto no mundo dos adultos, dores viram desabafos e tensões” (PARAGUASSU, 2020, p.13). Espera-se que a criança brincante apresente pistas para a aproximação do professor, pois é ali que ela vai manifestar sua identidade enquanto protagonista de sua narrativa.

As histórias que compõem esses pequenos imigrantes produzem um mosaico linguístico advindo das trocas culturais, já que se assume que não só eles contam sobre si, como absorvem partículas do mundo externo, inclusive a língua de acolhimento. É nessas manifestações que se constrói um caminho para o processo de alfabetização bilíngue.

Metodologia

Este artigo foi elaborado com base nos debates fomentados durante as reuniões dos grupos de Prodocência do Núcleo de Estudos e Ensino em Linguagens, Alfabetização e Letramento (NEELAL) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro centrados nas crianças imigrantes e sua inserção no ambiente escolar. Parte-se da premissa de que, apesar da Resolução nº1 de 13 de novembro (BRASIL, 2020) representar uma conquista, falta preparo técnico, conceitual e estrutural para receber crianças imigrantes nas instituições públicas de ensino do país.

Trata-se, portanto, de pesquisa bibliográfica, por sua natureza exploratória, que “propicia bases teóricas ao pesquisador para auxiliar no exercício reflexivo e crítico sobre o tema em estudo” (GIL *apud* NASCIMENTO; SOUSA, 2015, p.146).

A proposta deste artigo é discutir a ludicidade na mediação dos processos de alfabetização bilíngue, tendo como alicerce a interculturalidade como instrumento de troca.

Busca-se uma reflexão de base teórico-prática, voltada para a inclusão dos pequenos imigrantes no ambiente escolar.

Resultados e discussão

Consideremos o seguinte cenário: o sucateamento estrutural da escola pública; profissionais sobrecarregados e desvalorizados, sem acesso à educação continuada; e a proporção de crianças imbuídas de suas particularidades em sala de aula. Soma-se a isso a chegada de um imigrante em idade escolar de sistematização da alfabetização, que, para além de suas particularidades, não fala português. Como iniciar esse diálogo? Quais os recursos necessários para fazer essa aproximação?

A partir da discussão já elaborada em seção anterior deste artigo, tem-se que a forma primária de comunicação da criança é a brincadeira. Sob essa perspectiva, a brincadeira é a materialização do primeiro acolhimento, mas é preciso seguir acolhendo para que se estabeleça a comunicação verbal entre as crianças imigrantes e as demais.

Pensando o Português como Língua de Acolhimento, tendo como “seu papel fundamental promover a integração social e responder a demandas de sobrevivência ao país para o qual se migrou” (CORTEZ; BACK, 2022, p.224), e considerando as crianças venezuelanas a inspiração deste estudo, é importante observar a proximidade entre o português e o espanhol. A semelhança entre algumas palavras, distinguindo-se por vezes somente pela pronúncia (casa) ou por pequenas alterações na grafia (língua - *lengua*, coração - *corazón*), tende a facilitar a comunicação verbal, que, reiteramos, é parte fundamental do processo de alfabetização bilíngue ancorado na interculturalidade.

Uma vez que a criança imigrante em imersão no português já consiga se relacionar com os vocábulos que julgue serem de sua maior identidade, pode-se inferir que seria possível iniciar o processo de alfabetização na Língua Portuguesa. Para tanto, o envolvimento de professores se faz fundamental desde o acolhimento inicial, especialmente na condução dessa imersão por meio do contato com os colegas, do fomento à interculturalidade. A introdução de brincadeiras e a criação conjunta de nomes em "portunhol", ou mesmo em alguma língua inventada, como parte desse brincar, podem ser caminhos rumo à inclusão linguística.

"A língua de todos e a língua de cada um", das autoras Jorgelina Tallei e Renata Alves de Oliveira (2021), é um livro infantil que sugere a reflexão sobre a importância de a linguagem refletir a individualidade de cada sujeito. A narradora e protagonista da história é

uma criança que fala espanhol e está em uma escola onde se fala português. A contação de sua história se dá em português, como um convite à reflexão sobre uma aproximação do leitor com a protagonista, atravessada por essa mistura das duas línguas. A protagonista chama a atenção para o fato de que “*la lengua de todos pode ser la lengua de nadie cuando las personas no se entienden*”, remetendo à importância da mediação constante para um processo de alfabetização bilíngue bem-sucedido.

Como seres sociais, possuímos uma relação complexa com o ambiente e com outros seres e é por meio do afeto que estabelecemos vínculos. Essa dimensão, quando considerada no acolhimento, em especial de pequenos imigrantes, pode ser um instrumento estratégico.

Considerações Finais

A realização deste estudo por meio da revisão bibliográfica sobre as temáticas nele abordadas não pressupõe discussão encerrada em nenhuma delas. A proposta é refletir acerca de caminhos alternativos para a inclusão linguística de imigrantes, fundamentados no acolhimento afetivo, na ludicidade e na interculturalidade, tanto de discentes quanto de docentes.

Pretendemos, portanto, contribuir para a solidificação de um novo olhar sobre a importância do lúdico enquanto facilitador do processo de alfabetização bilíngue. Tendo consciência da riqueza dessa modalidade de alfabetização, é possível elencar estratégias que incluam os pequenos imigrantes e locupletem o repertório dos demais alunos, a fim de que a sala de aula seja, de fato, local de acolhimento, empoderamento de narrativas e garantia do acesso indiscriminado à educação e, por que não, ao afeto.

Referências

ACNUR BRASIL. Tendências Globais 2020. Genebra, 2021. Disponível em: https://www.unhcr.org/60b638e37/unhcr-global-trends-2020#_ga=2.138767611.954949506.1677976316-778683171.1675002197. Acesso em: 17 de dezembro de 2022.

AMARAL, Claudia; AZEVEDO, Rômulo. Educação para além da matrícula: crianças migrantes, refugiadas, e a Resolução nº 1/2020. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, p. 134-146, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/65969>. Acesso em 17 de dezembro de 2022.

BRASIL. Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 1/2020. Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-1-de-13-de-novembro-de-2020-288317152>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

CORTEZ, Dayane; BACK, Angela. Considerações sobre o português língua de acolhimento e seus impactos na política linguística. Rio de Janeiro. **Revista Teias**, v. 23, n. 69, p. 219-229, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/65967>. Acesso em 18 de dezembro de 2022.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

LEVEL, Beatriz; MAGALHÃES, Luís Felipe; SILVA, João Carlos. Migração, Trabalho e Estado: três aspectos da contemporaneidade do pensamento de Sayad. IN: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos; BAPTISTA, Dulce. **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**. São Paulo. Editora da PUC-SP, 2020, p. 115-132.

MACHADO, Maria Letícia; LOPES, Paula. Práticas discursivas na cultura escrita: experiência bilíngue na alfabetização. IN: SENNA, L. A. **Bilinguismo cultural: estudos sobre línguas em contato na educação brasileira**. Curitiba. Appris Editora. 2021, p.73-100.

MOSCOSO, Maria Fernanda R. Biografía para uso de los pájaros. Memoria, infancia y migración. Quito: Editorial IAEN, 2013.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. Metodologia da Pesquisa Científica – Teoria e Prática. Brasília: Thesaurus, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. 1959. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-1069.html>. Acesso em: 17 de dezembro de 2022.

PARAGUASSU, Fernanda. **Narrativas de Infâncias Refugiadas: a criança como protagonista da própria história**. Rio de Janeiro. MAUAD Editora Ltda., 2022.

SOUZA, Warley. "Estrangeirismo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/estrangeirismos.htm>. Acesso em 16 de dezembro de 2022.

SUBCOMITÊ FEDERAL PARA RECEPÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRIAGEM DOS IMIGRANTES. **Informativo da migração venezuelana: Brasil - Fevereiro 2022**. Brasil. 2022. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf. Acesso em: 14 de dezembro de 2022.

TALLEI, Jorgelina; OLIVEIRA, Laura. **A língua de todos e a língua de cada um**. Recife. Pipa Comunicação. 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro. IMAGO Editora Ltda., 1975.